

ALVES, Hilén Pulinho; PIRES, Gabriela da Silva. A construção concessivo-comparativa "até que para/pra x, y" e sua relação com a perpetuação de estereótipos masculinos. *Revista Intercâmbio*, v.XLVIII: 01-19, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

A CONSTRUÇÃO CONCESSIVO-COMPARATIVA "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" E SUA RELAÇÃO COM A PERPETUAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS MASCULINOS¹

THE CONCESSIVE-COMPARATIVE CONSTRUCTION "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" AND ITS RELATION WITH THE PERPETUATION OF MASCULINE STEREOTYPES

Hilén Pulinho ALVES
(Universidade Federal de Viçosa)
hilén.alves@ufv.br

Gabriela da Silva PIRES
(Universidade Federal de Viçosa)
gabriela.pires@ufv.br

RESUMO: Neste artigo, descrevemos os aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos da construção concessivo-comparativa "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" através dos pressupostos teóricos da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995) e Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982). Utilizou-se nas análises ocorrências reais da construção, coletadas por meio da ferramenta de busca Google. Os enunciados foram metodologicamente sistematizados, resultando em nove grupos temáticos. Neste artigo, analisamos os enunciados dos grupos *faixa etária*, *geográfico* e *profissional*, objetivando observar a relação da construção com a perpetuação de estereótipos sob a luz da psicologia social (MAISONNEUVE, 1977; MOSCOVICI, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva; Gramática das Construções; Semântica de *Frames*; Estereótipos.

ABSTRACT: In this article, we describe the syntactic and semantic-pragmatic aspects of the concessive-comparative construction "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" through the theoretical assumptions of Construction Grammar (GOLDBERG, 1995) and Frame Semantics (FILLMORE, 1982). In the analysis, it was used real utterances of the construction, collected through the Google search engine. Our data was methodologically systematized, resulting in nine thematic groups. In this article, we analyzed utterances from *age range*, *geographic* and *professional* group, aiming to observe the relation of the construction with the perpetuation

¹ Este artigo é um recorte temático-analítico produto de uma pesquisa de iniciação científica fomentada pelo PIBIC UFV/CNPq 2019-2020, e desenvolvido como parte de desdobramentos teórico-analíticos da tese de doutorado da orientadora.

ALVES, Hilen Pulinho; PIRES, Gabriela da Silva. A construção concessivo-comparativa "até que para/prá x, y" e sua relação com a perpetuação de estereótipos masculinos. *Revista Intercâmbio*, v.XLVIII: 01-19, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

of stereotypes according to the social psychology (MAISONNEUVE, 1977; MOSCOVICI, 2015).

KEYWORDS: *Cognitive Linguistics; Construction Grammar; Frame Semantics; Stereotypes*

Introdução

Neste artigo, estudaremos os aspectos sintático-semânticos da construção gramatical concessivo-comparativa "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" – exemplificada em "Até que pra um velho ele tá bem bonito" (site: spiritfanfiction.com) – e sua relação com a evocação e perpetuação de estereótipos. Nessa construção, o segmento X aciona uma série de expectativas ancoradas em preconceções e generalizações socialmente compartilhadas, enquanto o segmento Y apresenta um comentário contrário ao pressuposto em X. A quebra de expectativa entre os segmentos evidencia o caráter concessivo da construção.

A relevância deste estudo é justificada por possibilitar que entendamos como os falantes desenvolvem e utilizam recursos linguísticos diversificados, adequando-se a contextos sociocomunicativos plurais. Ao longo deste estudo, poderemos observar a produtividade e inovação linguística dos falantes e como o uso da construção concessivo-comparativa dialoga com questões sociais, como a propagação de expectativas preconcebidas sobre determinados sujeitos sociais.

A investigação das propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas da construção, a serem abordadas nas seções seguintes, baseia-se nos pressupostos teóricos da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982) e da psicologia social, especificamente nos estudos sobre estereótipos (MAISONNEUVE, 1977; MOSCOVICI, 2015).

Esta pesquisa objetiva: (a) descrever a configuração sintática da estrutura "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y"; (b) analisar o caráter argumentativo acionado pela construção; (c) discutir a relação da construção com a inserção e perpetuação de estereótipos; e (d) investigar a relação entre o acionamento de *frames* (estereótipos evocados) e o caráter concessivo-comparativa da construção.

Visando um estudo feito através de enunciados reais, a coleta de dados foi feita por meio da ferramenta de busca Google, em razão da quantidade e diversidade de enunciados disponíveis na internet. No Google, utilizamos como termo de busca a entrada "até que para/prá um [substantivo masculino]", junto a termos como "menino", "baiano" e "advogado", exemplos lexicais que representam, respectivamente, os grupos *faixa etária*, *geográfico* e *profissional*. Optamos por utilizar em

nossa busca substantivos masculinos, pois visávamos investigar características e comportamentos associados a figuras masculinas de grupos distintos da esfera social.

Na **seção 1**, apresentamos a Linguística Cognitiva, abordamos os pressupostos da Gramática das Construções e da Semântica de *Frames*. Discutiremos, ainda, sobre a construção de estereótipos. Na **seção 2**, descrevemos os procedimentos metodológicos de busca por enunciados. Na **seção 3**, analisamos os enunciados por meio dos pressupostos teóricos. Por fim, na **seção 4**, apontamos as considerações finais observadas neste trabalho.

1. Fundamentação teórica

1.1 Linguística Cognitiva e Gramática das Construções

A Linguística Cognitiva (doravante, LC) é um aporte teórico que investiga os aspectos sintáticos e semânticos da língua através de uma visão cognitivista, focalizando relação da cognição humana com a produção e compreensão linguística. As noções gerativistas de Chomsky exerciam grande influência nas investigações linguísticas à época do surgimento dos estudos cognitivos. No gerativismo, a mente humana seria dividida em módulos autônomos, funcionando independentemente dos demais módulos cognitivos. A título de exemplificação, a linguagem seria, na visão gerativa, um módulo separado do raciocínio matemático ou imagístico. A LC contrapõe-se à perspectiva modular, pois, do contrário, prevê a interação entre diversas faculdades cognitivas (FERRARI, 2014).

De acordo com Ferrari (2014: 18), a LC tem “[...] como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado”. Na LC, considera-se o significado como uma construção mental fruto de experiências biossociais. Por conseguinte, na LC, as investigações linguísticas distanciam-se de uma análise puramente composicional para focar na plausibilidade psicológica e cognitiva das estruturas gramaticais, ou seja, como as estruturas linguísticas são concebidas e interpretadas na cognição humana (SOUZA, 2010).

A Gramática das Construções (doravante, GC) é uma teoria linguística que concebe as expressões linguísticas como unidades simbólicas baseadas na correspondência entre forma e função (FERRARI, 2014). De acordo com a GC, uma análise linguística focada em apenas um segmento da língua – apenas na forma ou apenas na função – não consegue explicar as construções gramaticais de forma efetiva. Em suma, as construções gramaticais são caracterizadas por serem um pareamento entre forma e função, dotadas de restrições sintático-semânticas e

especificidades de uso (PIRES, 2016). Com efeito, Goldberg (1995: 4), uma das precursoras da GC, afirma que:

C é uma construção se C é um par forma-significado <Fi Si> de tal forma que algum aspecto de Fi, ou algum aspecto de Si, não é estritamente previsível das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas (tradução nossa).

Em termos práticos, o sentido de uma construção não é depreendido a partir das partes que a compõem, mas por meio de uma compreensão holística da estrutura construcional.

Para Goldberg (2006 apud PIRES, 2016) tudo na língua são construções. Nessa perspectiva, a GC propõe um estudo construcional desde itens lexicais até expressões idiomáticas e padrões linguísticos abstratos (como esquemas morfológicos, estruturas sintáticas e padrões entoacionais) (PINHEIRO, 2016). Para demonstrar como a GC engloba diferentes níveis linguísticos, reproduziremos alguns exemplos apresentados por Pinheiro (2016). A começar pelo nível lexical, em “árvore” podemos encontrar informações formais – a sequência fonológica /aRvorI/ –, enquanto na cognição encontramos a informação semântica – o conceito mental de árvore. Esse pareamento entre forma e função, característico de construções gramaticais, também está presente em aspectos morfológicos (como re- + verbo, em “reler”), aspectos sintáticos (como o padrão oracional do português, composto por sujeito, verbo e objeto), padrões suprasegmentais (como a entonação ascendente característica de interrogação) ou em expressões idiomáticas (como “quebrar a cara”) (PINHEIRO, 2016: 23-6).

As construções gramaticais podem ser categorizadas de acordo com suas propriedades sintáticas e semântico-pragmáticas. Segundo a nomenclatura proposta por Fillmore (1988 apud FERRARI, 2014), temos: (i) expressões de *codificação*: são regulares, convencionalizadas e comumente difundidas em determinada comunidade (ex.: carta de motorista, em São Paulo); (ii) expressões de *decodificação*: são compreendidas como um todo significativo, não podendo ser interpretadas através de uma análise composicional das partes que as compõe (ex.: bater as botas); (iii) expressões *gramaticais*: obedecem às regras sintáticas da língua (ex.: cortar um dobrado); (iv) expressões *extragramaticais*: não obedecem às regras sintáticas (ex.: de mais a mais); (v) expressões *substantivas*: possuem estrutura sintática preenchida por itens lexicais específicos (ex.: entornar o caldo); e (vi) expressões *formais*: possuem um padrão sintático que pode ser preenchido por diferentes itens lexicais (ex.: quanto mais, em “Ele não consegue lavar a louça, quanto mais cozinhar”) (FERRARI, 2014: 130-1).

A construção "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" se enquadra em alguns dos padrões morfossintáticos construcionais supramencionados. Por meio do exemplo "Até que pra um baiano você não teve preguiça de explicar" (site: reddit.com), notamos que a construção é uma expressão *formal*, pois apresenta estrutura sintática semipreenchida, podendo ser completada com outros itens lexicais. Ademais, o sentido geral da construção foge dos padrões gramaticais canônicos da língua. A referida construção enquadra-se como uma expressão de *decodificação* por priorizar uma interpretação preferencialmente concessivo-comparativa que, por ser concebida holisticamente, demonstra sua composicionalidade fraca. Entendemos que uma análise estritamente composicional não seria capaz de abarcar todo potencial interpretativo desse esquema construcional². Os aspectos formais e funcionais da construção serão abordados nos tópicos a seguir.

1.2 Concessividade e comparação implícita

A construção gramatical "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" é nomeada como construção concessivo-comparativa. Quanto à forma, o segmento X da construção é um sintagma nominal indefinido³ e Y é uma oração. Quanto à função, X possui um termo introdutor de expectativas, acionando um conjunto de crenças socioculturais, enquanto Y apresenta uma ideia contrária, assumida como conflitante, ao pressuposto em X. As crenças acionadas pela parte "ATÉ QUE PARA/PRA X" são tomadas como obstáculo à realização da situação descrita em Y. Portanto, a concessividade está presente na construção, pois há "coocorrência de duas situações assumidas como conflitantes" (PIRES, 2016: 67). A concessividade pode ser descrita através da fórmula "embora *p*, *q*", na qual a situação presente em *q* é desfavorável à efetivação da situação presente em *p*. No entanto, a concessividade presente na construção não é depreendida a partir de conjunções concessivas canônicas, reconhecidas e preconizadas pela

² Uma leitura mais composicional da estrutura estudada pode ser exemplificada da seguinte maneira: "para um baiano, você não teve preguiça de explicar", ou mesmo "para um baiano, você cantou muito". Nesses casos, poderiam ser evocados, respectivamente, os sentidos de opinião e direcionalidade, tomando a semântica básica direcional da preposição *PARA*. Nos estudos de Pires (2016), é discutido de forma mais pormenorizada que a perífrase "até que" parece imprimir uma leitura preferencialmente concessivo-comparativa ao esquema construcional em questão.

³ Optamos por representar a construção através do esquema "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" para evidenciar o vínculo deste trabalho com outras pesquisas que também assumem o caráter indefinido do segmento X, seja como sintagma nominal indefinido feminino (ex.: *até que para uma baiana*) ou como sintagma formado por pronomes indefinidos (ex.: *até que para quem é baiano/até que para alguém que nasceu na Bahia*). Uma discussão pormenorizada pode ser vista em Pires (2016).

gramática tradicional, como "embora", mas sim através de pistas linguísticas e especificidades contextuais.

Já o caráter comparativo da construção efetiva-se por meio de três elementos: os itens comparativos, os atributos e as variações (HUANG et al., 2008 apud PIRES, 2016). Desta forma, uma sentença comparativa descreve um evento que compara dois itens, evidenciando quais desses itens apresentam mais precisamente determinado atributo e em que medida (PIRES, 2016). Na construção, coloca-se um atributo em primeiro plano, considerado como excedente, e outro considerado como o padrão.

1.3 Semântica de *Frames*

Uma das características singulares da construção gramatical "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" é a forma como os itens lexicais presentes no segmento X acionam uma série de crenças acerca de sujeitos e situações do mundo biossocial. A Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982) elucida como a compreensão do padrão concessivo-comparativo está relativizada ao *frame* disparado pelas escolhas lexicais em X. O conceito de *frame* permite explicar como a interpretação da construção envolve informações além daquelas presentes na superfície do enunciado, na forma linguística; sendo necessário um substrato de experiências sociais e culturais. Segundo Ferrari (2014), a Semântica de *Frames* trata da estrutura semântica subjacente aos itens lexicais e construções gramaticais. O termo "*frame*" nomeia, segundo Fillmore (1982: 111), "[...] qualquer sistema de conceitos estruturados de tal forma que para entender um deles é necessário entender toda a estrutura no qual está inserido" (tradução nossa).

Frames são, portanto, frutos da experiência humana, da nossa percepção dos eventos biossociais. A construção dos *frames* está intimamente relacionada e subordinada aos contextos sociais e às percepções biológico-cognitivas. Como os contextos são plurais, os *frames* resultam em diferentes recortes da realidade. A premissa dos *frames* como produto das vivências – sejam elas individuais ou partilhadas socialmente – permite que esses estejam em constante variação e reformulação.

A compreensão semântico-pragmática da construção concessivo-comparativa está subordinada ao conhecimento prévio de questões particulares à esfera extralinguística. Esse conhecimento é acionado por um ou mais itens lexicais⁴ presentes em X, permitindo a quebra de

⁴ Nem sempre o segmento X será composto por um único substantivo. Em certos casos, a presença de mais itens lexicais poderá alterar as expectativas acionadas em X. Por exemplo, "paulista" aciona um *frame* diferente de "paulista pobre". Entendemos que, quanto maior for a extensão de X, maior será a probabilidade de se acionar um *frame* mais situado e circunscrito.

expectativa em Y. Ferrari (2014: 50) explica que a interpretação linguística “[...] requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência”. Na Semântica de *Frames*, o sentido não está contido na palavra, em sua significação dicionarizada, mas relativizado ao *frame* acionado.

A construção concessivo-comparativa emerge da sua relação com o conhecimento prévio de aspectos intrínsecos à vivência humana. Nessa perspectiva, a Semântica de *Frames* concebe os itens lexicais como pistas linguísticas que acionam certas concepções socioculturais e esquemas cognitivos necessários à interpretação dos termos presentes no segmento X e necessários à efetivação da concessividade.

1.4 Apontamentos sobre estereótipos

Uma observação inicial nos enunciados coletados demonstrou a recorrência de determinados *frames* junto a certos termos – por exemplo, o *frame* “masculinidade” presente em termos como “homem” e “cara”. Em função disso, utilizaremos em nosso trabalho o conceito de estereótipo sob a luz da psicologia social, buscando entender como certas características e comportamentos são relacionados a determinados sujeitos sociais.

Segundo Maisonneuve (1977), os estereótipos são representações sociais cristalizadas dotadas de: (i) *uniformidade*, pois são largamente difundidos no interior de um grupo, população ou qualquer comunidade sociocultural; (ii) *simplicidade*, pois evocam caracterizações simples, de fácil aceitação; (iii) *pregnância*, pois há certo grau de aceitação do estereótipo por parte da comunidade; (iv) *tom afeito*, pois são mais, ou menos, (des)favoráveis, mas nunca neutros; e (v) *conteúdo*, pois possuem traços distintivos, como o domínio físico (belo/forte) ou moral (dissimulado/cruel). Ainda segundo Maisonneuve (1977), os estereótipos são construídos através de uma atitude relacional coletiva, isto é, a fixação do estereótipo no imaginário coletivo depende da aceitação social em adotar determinada estereotipagem, como um contrato coletivo implícito.

Segundo Moscovici (2015), as representações sociais surgem quando comparamos as pessoas a um protótipo geralmente aceito como representante de uma classe. Esse modelo de classe, que seria o estereótipo, surge da nossa percepção e seleção de características comuns, representativas e salientes de determinada classe. Segundo o autor, essa dinâmica surge de dois processos: (i) *generalização*, no qual uma característica é selecionada e considerada como coextensiva a todos os membros de um grupo; e (ii) *particularização*, no qual um indivíduo

diverge do protótipo representativo de um grupo e, em função disso, é mantido “sob análise” para que se identifique qual característica, comportamento ou atitude o torna distinto dos demais. Grosso modo, ambos os processos dialogam com as noções de *frame* e concessividade abordadas nesse trabalho e podem nos auxiliar na posterior análise e discussão dos dados obtidos na presente pesquisa.

2. Procedimentos metodológicos

Por visarmos uma abordagem baseada em enunciados reais, utilizamos a ferramenta de busca Google para coleta de dados. Por meio do recurso “busca avançada”, a construção foi pesquisada por meio da(s) entrada(s) “até que para/prá um [substantivo masculino]”, envolvendo a testagem de substantivos que pudessem compor nosso banco de dados. A busca resultou em 88 enunciados: 24 ocorrências de “até que para X” e 64 ocorrências de “até que pra X”.

Após a coleta dos enunciados, as ocorrências foram discriminadas em ocorrências válidas, as quais correspondiam à construção estudada, e em não-válidas. Consideramos como ocorrências válidas aquelas que apresentavam o padrão de correferencialidade direta (ex.: “Até que pra um baiano você não teve preguiça de explicar”), isto é, casos nos quais o sintagma nominal presente em X (“um baiano”) e o sintagma nominal em Y (“você”) fazem referência ao mesmo indivíduo. Destarte, houve 20 ocorrências válidas de “até que para X” e 53 de “até que pra X”, totalizando 73 ocorrências utilizáveis. As 15 ocorrências restantes, consideradas inválidas, enquadravam-se em um dos seguintes casos: *correferencialidade indireta* (ex.: “Até que para um solteiro seu apartamento é ajeitadinho”), *sem correferência* (ex.: “Até que pra um homem solteiro está tudo muito organizado”), *padrão não enfático* (ex.: “Acho até que pra um gay seria bem difícil relacionar-se com o sexo oposto”) e *contexto insuficiente*⁵.

As ocorrências válidas foram ordenadas, ainda, em grupos segundo o campo semântico do substantivo presente no segmento X⁶. A ordenação dos enunciados por semelhança semântica resultou em 9 grupos⁷ nos quais estão distribuídos os 73 enunciados válidos. Por fim, as ocorrências

⁵ Nesse último grupo, encontram-se casos de enunciados idênticos reproduzidos em websites diferentes e casos de contexto nos quais a informação apresentada no texto não era suficiente para classificar a estrutura.

⁶ Por exemplo, ocorrências como “até que para um advogado” e “até que para um pedreiro” foram categorizadas no grupo “*Profissional*”, pelos substantivos nomearem cargos de trabalho.

⁷ A saber: *distinção social, estado civil, faixa etária, gênero, geográfico, orientação sexual, profissional, racial e relação familiar*.

válidas foram também discriminadas segundo a extensão do segmento X, isto é, segundo a quantidade de itens lexicais presentes nesse segmento. Obtivemos, portanto, 42 enunciados de **curta extensão** (X constituído por apenas um item lexical), 22 enunciados de **média extensão** (X constituído por dois ou três itens lexicais) e 9 enunciados de **longa extensão** (X constituído por material linguístico ainda mais extenso). Neste trabalho, serão analisados enunciados de **curta extensão** dos grupos *faixa etária*, *geográfico* e *profissional*. Esses grupos foram selecionados por serem numerosos em enunciados de **curta extensão**: juntos detêm 26 dos 73 enunciados válidos.

3. Resultados e discussões

3.1 O padrão construcional concessivo-comparativo

As construções gramaticais são unidades simbólicas baseadas na correspondência entre forma e significado, podendo ser manifestadas através de diferentes padrões construcionais (FERRARI, 2014). A construção “ATÉ QUE PARA/PRA X, Y” é uma construção semipreenchida, pois os segmentos X e Y podem ser integrados por diferentes arranjos linguísticos.

Quadro 1 – Esquema construcional da construção concessivo-comparativa

ATÉ QUE PARA/PRA	FORMA	
	X (Sintagma nominal indefinido)	Y (Oração)
	FUNÇÃO	
	Introduz expectativas	Comentário contrário

Fonte: elaborada pelos autores

O quadro (1) ilustra como a construção “ATÉ QUE PARA/PRA X, Y” funciona em termos sintáticos (forma) e **semântico**-pragmáticos (significado). A fins de exemplificação, vejamos um enunciado da construção encontrado nos dados:

(1) “Até que pra um argentino vc está bem humorado hj” (sic) (site: forum.cifraclub.com.br)

Por meio do enunciado em (1), podemos observar algumas escolhas lexicais possíveis, dentre outras múltiplas, que preenchem devidamente o padrão construcional concessivo-comparativo. Em (1), o sintagma

nominal indefinido do segmento X é composto por "um argentino", enquanto a contraparte Y é composta por uma oração que explicita uma expectativa contrária à pressuposta em X: estar bem-humorado. A concessividade, portanto, é impulsionada pela configuração construcional em sua totalidade, não apenas pelo segmento X, devendo ser compreendida holisticamente. O sentido construcional concessivo-comparativo efetiva-se a partir da compreensão da construção como um todo significativo, por meio da relação entre a forma e o significado, não pela compreensão de suas partes individualmente.

A ocorrência (1) encontrava-se em um tópico de discussões sobre futebol, mais especificamente sobre uma partida entre Brasil e Argentina, no ano de 2005. Dentre os internautas que discutiam no tópico, um argentino afirmou que seu país havia perdido propositalmente, pois os brasileiros vinham sido afligidos demais por problemas sociopolíticos e precisavam alegrar-se com algo, como uma vitória no futebol. O enunciado em (1) foi proferido em tom jocoso como réplica à insinuação do internauta argentino. A quebra de expectativa do enunciado fundamenta-se na rivalidade entre brasileiros e argentinos – principalmente em função da competitividade futebolística entre os dois países – que corrobora para o estereótipo dos argentinos como pessoas ressentidas, irritáveis ou mal-humoradas.

3.1.1 Concessividade

Por ser nomeada como construção concessivo-comparativa, faz-se necessário demonstrar como a concessividade e a comparação estão presentes na estrutura construcional "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y". Por concessividade, entende-se a coexistência de duas situações tomadas como incompatíveis, conflitantes (PIRES, 2016). No esquema construcional concessivo-comparativo, a oração presente no segmento Y opõe-se às concepções acionadas pelos itens lexicais do segmento X, resultando, portanto, na coocorrência de situações consideradas como conflituosas. Vejamos:

(2) "Até que pra um paulista ele ta bem gaudério!" (site: mysocialmate.com)

Em (2), o enunciado evidencia que, no ponto de vista do internauta, os paulistas são menos inclinados a ociosidade ou menos providos de tempo livre. O enunciador utiliza a palavra gaudério – indivíduo ocioso, sem ocupação – para contrapor-se à construção social amplamente difundida dos paulistas como pessoas ocupadas em razão da grande agitação comercial e econômica de São Paulo – a qual faz com que a

população viva em constante urgência e movimentação advinda da rotina de trabalho. O comentário em Y, "estar bem gaudério", opõe-se à expectativa gerada em X pelo termo "paulista". Destarte, o enunciador em (2) considerar ser "paulista" e "ser (bem) gaudério" como características incongruentes efetiva o caráter concessivo da construção, que é composto exatamente pela coocorrência de situações tomadas como conflitantes (PIRES, 2016).

3.1.2 Comparação

Conforme mencionado no item anterior, outra especificidade que compõe a estrutura construcional concessivo-comparativa é a comparação implícita. A comparação efetiva-se por meio de três elementos: os itens comparativos, os atributos e as variações (HUANG et al., 2008 apud PIRES, 2016). Pode-se afirmar que uma sentença comparativa compara dois itens focando em qual item apresenta mais precisamente determinado atributo e em que medida (PIRES, 2016). Na comparação envolvida na construção "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y", determinado atributo é colocado em primeiro plano, tendo-o como excedente, e outro atributo tomado como o padrão. No caso da construção, dizemos ser dotada de comparação implícita, pois não há presença de expressões linguísticas comparativas canônicas, como "tanto/quanto", "mais que" e "menos que". O exemplo a seguir demonstra o aspecto comparativo da construção. Vejamos:

(3) "Até que pra um garoto você dá uns conselhos legais" (site: fanficobsession.com.br)

O enunciado em (3) apresenta um conflito entre "ser garoto" e "dar bons conselhos". Nesse enunciado, o estereótipo não soa tão natural, facilmente aceito e assimilado, quanto outros. Uma interpretação possível seria a de que o enunciador pressupõe que garotos – por serem indivíduos de pouca idade – não teriam experiência de vida suficiente para refletir sobre questões alheias e aconselhar terceiros.

Sabe-se que a comparação surge da relação de três elementos: os itens comparativos, os atributos e as variações (HUANG et. al, 2008 apud PIRES, 2016). No enunciado (3), os itens comparativos são "garoto" – representando jovens do sexo masculino de forma ampla – e "você". O atributo consiste em "dar conselhos legais" se comparado à ideia prototípica que se tem de garotos. Nesse enunciado, generaliza-se a capacidade de aconselhamento dos meninos, estabelece-se o alvo do comentário em questão como um indivíduo que foge à generalização, por

sua boa capacidade de aconselhar, comparando-o e considerando-o mais capaz do que os demais de sua classe.

3.2 Sobre a extensão da contraparte X

Na construção "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y", a inferência acionada pelos itens lexicais presentes no segmento X pode ser de questões particulares, mais situadas e pontuais, ou de questões gerais, de veiculação mais abrangente. Pires (2016) demonstra que a possibilidade de inferências gerais ou particulares se correlaciona com a extensão da contraparte X. Segundo a autora, casos de X com **curta** ou **média extensão** acionam conceptualizações mais generalizadas, enquanto os casos de **longa extensão** restringem a cena acionada dando espaço à particularização, ou seja, um tipo específico de sujeito ou situação. Em concordância com PIRES (2016), discrimina-se a extensão da seguinte forma: (i) **curta extensão**, quando for constituído por apenas um item lexical; (ii) **média extensão**, quando houver pouco material linguístico (dois ou três itens lexicais); e (iii) **longa extensão**, quando houver um material ainda mais extenso. Vejamos como essa questão efetiva-se por meio dos exemplos a seguir:

(4) "Até que para um velho, ele sabia despertar desejo em uma jovem mulher" (site: wattpad.com)

Em (4), o sujeito despertar desejo – nesse caso, desejo sexual – em uma mulher é posto como uma capacidade da qual um idoso seria desprovido. Neste enunciado, nota-se que o estereótipo acerca do aspecto físico e/ou desempenho sexual de pessoas idosas é acionado por uma única palavra (velho), corroborando com a proposição de que quanto menos material linguístico, mais geral a conceptualização evocada e, por conseguinte, mais *pregnante*. Vejamos um exemplo de **média extensão**:

(5) "Até que, pra um homem moderno, você é bem romântico" (site: spitirfanfiction.com)

Em (5), na fala de uma mulher direcionada a um homem, temos um caso de **média extensão** que apresenta um estereótipo geral: a ideia do homem moderno como menos romântico que os homens das gerações anteriores. Aqui, o estereótipo não é acionado apenas pelo termo "homem", mas também pelo adjetivo "moderno" que ressignifica o *frame* evocado. Com efeito, a falta de romantismo do "homem moderno" pode ser acionada com facilidade (demonstrando a *uniformidade* do estereótipo), pois reside no imaginário coletivo a ideia de nossos

progenitores como galanteadores, amorosos, em contraste com a abordagem imediatista e direta presente na sociedade moderna, por exemplo, por meio dos aplicativos móveis e sites de relacionamentos. Vejamos um exemplo de **longa extensão**:

(6) “Até que, pra um cara que passou a noite sozinho ao lado do lixo, você sabe uma porção de coisas sobre histórias de amor” (site: books.google.com.br)

O enunciado em (6), que se encontra em um livro de ficção, exemplifica a forte restrição imposta pelos casos de **longa extensão**, que limita a situação acionada em X a um caso particular. Para compreender o enunciado, é necessário acesso ao contexto literário ficcional no qual se encontra a enunciação. A fala em questão foi direcionada a um personagem que, em vez de aproveitar uma festa, optou por ficar recluso próximo a uma lata de lixo. Podemos interpretar que não se esperaria desse personagem, portanto, que soubesse tanto sobre histórias de amor, visto seu perfil mais acanhado, de personalidade introspectiva.

Os enunciados analisados nesta seção visam delinear nosso recorte temático-analítico que focará nos enunciados de **curta extensão** dos grupos *geográfico*, *faixa etária* e *profissional*. Escolhemos os enunciados de **curta extensão**, pois o material linguístico reduzido aciona conceptualizações mais consolidadas, conforme demonstrado nas análises anteriores, e nos interessa neste estudo observar a relação da construção com a presença de estereótipos, os quais são representações sociais consolidadas.

3.3 A perpetuação de estereótipos por meio da construção

Conforme discutido nos pressupostos teóricos, o aspecto pragmático necessário à compreensão do caráter concessivo-comparativo da construção reside no conhecimento antropocultural que perpassa o fazer linguístico. Dificilmente compreenderíamos a concessividade e comparação da construção sem conhecimento daquilo que se espera de determinadas situações e de certos indivíduos do mundo biossocial. Nesta perspectiva, nos utilizamos da Semântica de *Frames* e de estudos da psicologia social sobre estereótipos para formalizar a relação entre a construção e o conhecimento de mundo.

Segundo Fillmore (1982), a Semântica de *Frames* reforça a relação contínua entre língua e experiência. Para entendemos os *frames* é preciso inseri-los em enunciados reais – conforme feito nesta pesquisa – nos quais o contexto explicitará as experiências motivadoras do significado. Na construção concessivo-comparativa, as expectativas acionadas por X

são social e culturalmente motivadas, portanto, advindas da experiência. Clarearemos essas considerações por meio das análises dos enunciados dos grupos temáticos.

3.3.1 Faixa Etária

Neste grupo, os enunciados têm como ponto principal um comentário ancorado em pressuposições de questões biológicas e sociais que acompanham o processo de desenvolvimento/envelhecimento humano. Vejamos um exemplo:

(7) “Até que para um velho você chegou bem longe” (site: books.google.com.br)

Em (7), “chegar (bem) longe” diz respeito ao esforço físico de uma pessoa idosa em desempenhar uma atividade considerada árdua para uma pessoa de idade avançada. Destarte, o segmento X (“um velho”) aciona o *frame* velhice, cuja expectativa seria de um desempenho físico comprometido em função das dificuldades comumente resultadas do envelhecimento biológico. O enunciado explicita a *pregnância* e *uniformidade* (MAISONNEUVE, 1977) da representação dos idosos como sujeitos debilitados e até mesmo um *tom afeito* desfavorável, já que subestima o vigor físico desse grupo. Por fim, conforme proposta de Moscovici (2015), pode-se observar no enunciado a seleção de uma característica, no caso, a debilitação, e a extensão dessa característica a todos os idosos (*generalização*). Vejamos outro exemplo do grupo *faixa etária*:

(8) “Ate que pra um menino ele se vestia bem” (site: [wattpad.com](https://www.wattpad.com))

Em (8), o item lexical “menino” aciona uma série de concepções socioculturais sobre “ser menino”. Deste enunciado, pode-se depreender o *frame* de que vestir-se bem não seria um comportamento comum e esperado do campo masculino, principalmente vindo de um indivíduo jovem. Por conseguinte, a quebra de expectativa do enunciado efetiva-se pelo enunciador não esperar que um menino se vestisse de forma além do trivial. O enunciador insinua que meninos não se interessariam em vestirem-se bem, ou ainda que não teriam um bom senso estético/gosto por moda. Essas visões dialogam, portanto, com o estereótipo de quais comportamentos, características ou hábitos cabem ou não a um menino. Conforme terminologia de Maisonneuve (1977), neste enunciado podemos observar a *pregnância* do estereótipo e o seu *conteúdo*, que remete ao campo do domínio estético. A *particularização* (MOSCOVICI,

2015) também está presente, pois identifica-se um traço do indivíduo que o difere da ideia prototípica que se tem de “menino”.

3.3.2 Geográfico

Neste grupo, encontram-se os enunciados nos quais o segmento X é composto por um substantivo que denote questões regionalistas, demonstrando diferentes relações entre a área de habitação ou nascimento do sujeito e as especificidades socioculturais esperadas de determinadas regiões. Vejamos como os enunciados demonstram essas questões:

(9) “Até que para um baiano você não teve preguiça de explicar” (site: terra.com.br)

Em (9), o *frame* “baiano” aciona um conjunto de crenças socioculturais, dentre as quais o estereótipo preconceituoso dos baianos como preguiçosos. Observa-se no enunciado a presença da *particularização* (MOSCOVICI, 2015), na medida que o sujeito alvo do comentário diverge do comportamento prescrito no estereótipo a ele associado. Em consonância com as proposições de Maisonneuve (1977), tal estereótipo possui *uniformidade*, por ser consideravelmente conhecido pelos brasileiros, *tom afeito desfavorável*, pois toma o comportamento como negativo, e *conteúdo* que remete ao domínio comportamental. Vejamos outro enunciado:

(10) “Ate que para um paulista vc as vezes mostra sensatez (sic)” (site: albertohelenajr.ig.com.br)

Em (10), “paulista” aciona um *frame* composto por diversas percepções sociais firmadas ao estado de São Paulo e seus habitantes. Ao que aparenta o enunciado, na visão do autor do trecho, os paulistas seriam menos providos de um juízo equilibrado se comparados aos habitantes de outros estados. Possivelmente, essa noção do internauta é fundamentada pela grandeza político-econômica de São Paulo que, talvez, estimule individualismo e competitividade entre os locais. Nesse enunciado, o indivíduo em questão se sobressai dos demais paulistas por demonstrar mais sensatez que o esperado. Percebe-se, por meio do enunciado, que o enunciador seleciona um traço, no caso, a insensatez ou prepotência, e o estende como uma característica necessariamente pertencente a todos os demais paulistas. Essa relação evidencia o aspecto da *generalização* proposto por Moscovici (2015).

Não obstante, é importante ressaltar que esta construção tem tanto o potencial de reforçar estereótipos recorrentes como também de evocar um rol *ad hoc* de expectativas comportamentais. Retomando o exemplo (10), se a configuração construcional fosse outra (ex.: *até que para um paulista, você às vezes não mostra sensatez*), tal alteração levaria a uma interpretação alternativa sobre o estereótipo evocado.

3.3.3 Profissional

Por fim, neste grupo encontram-se os enunciados com termos de busca compostos por substantivos que nomeiam profissões. Para a busca, escolhemos profissões amplamente conhecidas, que possibilitariam discussões sobre os estereótipos que circundam determinadas classes sociais, acionando comportamentos e características esperados de tais indivíduos. O exemplo (11) ilustra essa relação. Vejamos:

(11) “até que para um ‘pedreiro’, vc tá conhecendo DIREITO demais.”
(site: jus.com.br)

O enunciado em (11) encontra-se em um fórum aberto de discussões jurídicas. O comentário, proferido por um advogado, é uma réplica a um pedreiro que questionou a resposta dada pelo advogado. Nesse caso, o enunciador se utilizou da profissão do indivíduo para desvalidar o argumento do pedreiro. Pode-se dizer que, nesse enunciado, “pedreiro” evoca um *frame* de uma profissão muitas vezes desvalorizada, ainda que imprescindível para construção civil, acionando um conjunto de ideias socialmente partilhadas, dentre as quais o pressuposto errôneo de que um trabalhador braçal teria menos capacidade intelectual para possuir conhecimento de uma área considerada socialmente prestigiada, como o direito.

Quanto à construção desse estereótipo, deveras problemático e preconceituoso, demonstra ter *uniformidade*, pois a dicotomia entre trabalho braçal e trabalho intelectual é amplamente difundida no contexto sociocultural brasileiro; *tom afeito* desfavorável, pois concebe os pedreiros como incapazes de outro conhecimento além do pertencente ao seu campo; e um *conteúdo* que remete ao campo do conhecimento. Ademais, nota-se no enunciado a *particularização* do sujeito (MOSCOVICI, 2015), uma vez que, por fugir do estereótipo, o indivíduo é analisado pelo enunciador para que se identifique qual característica o torna distinto dos demais de seu grupo, nesse caso, o seu conhecimento de direito. Vejamos outro exemplo pertencente ao grupo *profissional*:

(12) “Até que para um pastor você tem respeito aos próximos chamando eles apenas de burros” (site: twitter.com)

Em (12), o enunciador condena o comportamento de um pastor com base no *frame* evocado por esse substantivo. Dentre as características esperadas de um líder religioso está certa eticidade e respeito em seu discurso. Nesse caso, o internauta aprofunda sua discordância com o posicionamento do pastor adotando um tom irônico ao seu comentário: imagina-se que um pastor não deveria chamar o próximo nem mesmo de burro, ofensa por vezes considerada “leve”. Pode-se afirmar que o estereótipo de pastor evocado no enunciado possui certa *simplicidade*, pois é facilmente assimilado que, ao pastor, cabe ser coerente com os preceitos religiosos de respeito ao próximo nos quais acredita e sua com prática pessoal. Novamente nos enunciados, nota-se a *particularização* do sujeito (MOSCOVICI, 2015), pois seu comportamento foge ao esperado e, prontamente pelo enunciador, identifica-se qual característica diverge esse pastor dos demais.

Por meio das análises, foi possível demonstrar efetivamente a presença dos *frames* nos enunciados, sendo extremamente necessários para a compreensão do padrão construcional concessivo-comparativo, pois evocam padrões e pressuposições socialmente partilhadas e experientialmente fundadas sobre diversos sujeitos do mundo extralinguístico. O quadro (2) sintetiza os principais *frames* evocados nos grupos temáticos, demonstrando que os enunciados de cada grupo compartilham expectativas semelhantes entre si.

Quadro 2 – Síntese dos principais *frames* acionados em cada grupo

Grupos	Faixa etária	Geográfico	Profissional
<i>Frames</i> acionados	Capacidade imprevista e/ou subestimada	Comportamento ou característica inesperada	Conduta inesperada ou inadequada
Nº de enunciados	12	8	6

Fonte: elaborada pelos autores

O quadro (2) evidencia os *frames* comumente acionados nos grupos temáticos e, conseqüentemente, as expectativas geradas por determinados acionamentos. No grupo **faixa etária**, observa-se a tendência de subestimação dos indivíduos em função das características físicas e cognitivas esperadas em cada estágio etário, construindo assim estereótipos que remetem a idade. Em **geográfico**, os estereótipos e *frames* são baseados em especificidades socioculturais, como normas, costumes e comportamentos, esperadas de determinadas regiões

brasileiras. Por fim, em **profissional**, observa-se que os comentários se baseiam em traços, comportamentais ou intelectuais, esperados de cada profissão, evidenciando os papéis exercidos por cada profissão no âmbito social e a interação entre diferentes camadas sociais.

Quanto ao alinhamento da construção com o acionamento e perpetuação de estereótipos, caso os estereótipos por ela evocados não possuíssem ao menos uma das características propostas por Maisonneuve (1977), dificilmente seríamos hábeis de reconhecê-los, compreendê-los e analisá-los em enunciados como feito. A forma como a construção "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" dialoga com estereótipos e *frames* torna-se visível no momento em que observamos que muitas das concepções acionadas pelo segmento X fogem às definições dicionarizadas dos substantivos, portanto dependem do conhecimento extralinguístico, experiencial, do falante, como o conhecimento de *frames* e noções estereotipadas.

4. Considerações finais

Os processos metodológico-analíticos devidamente alinhados à fundamentação teórica possibilitaram que expandíssemos a descrição gramatical da construção concessivo-comparativa e visualizássemos sua relação com o acionamento de *frames* e evocação de estereótipos.

A análise atenta dos enunciados evidenciou o traço semântico-pragmático e argumentativo da construção concessivo-comparativa. O exercício analítico evidenciou que a construção "ATÉ QUE PARA/PRA X, Y" dialoga com diversas questões do mundo antropológico, levantando questões que estão além da superfície do enunciado.

As particularidades semântico-pragmáticas dos enunciados possibilitaram que compreendêssemos como os falantes se utilizam da construção relacionando-a com fatos do mundo extralinguístico, evocando *frames* e estereótipos que se alinham a questões presentes na dinâmica social. Além disso, compreender os *frames* evocados pela construção demonstrou o papel que ela desempenha no estabelecimento e propagação de estereótipos sociais.

Ademais, a construção, por ser estudada por meio de pressupostos da Linguística Cognitiva, reforça a relação entre conhecimento linguístico e cognição humana, demonstrando que as escolhas lexicais são orientadas por fatores contextuais e por experiências tanto sociais quanto culturais. Em função disso, a relevância deste trabalho se fortalece por priorizar – em detrimento de uma análise exclusivamente focada em sintaxe ou semântica pura – uma análise linguística sob a ótica da plausibilidade psicológica/cognitiva do esquema construcional, além de tomar o contexto como fator ímpar na produção de sentido. Por fim,

ALVES, Hilen Pulinho; PIRES, Gabriela da Silva. A construção concessivo-comparativa "até que para/prá x, y" e sua relação com a perpetuação de estereótipos masculinos. *Revista Intercâmbio*, v.XLVIII: 01-19, 2021. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

acreditamos que trabalhos dessa natureza, centrados em enunciados reais e em construções inovadoras emergentes, podem contribuir para futuras investigações linguísticas de estruturas não canônicas da língua portuguesa.

Referências bibliográficas

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

FILLMORE, C. Frame Semantics. *Linguistics in the morning calm. Selected papers from SICOL-1981*. Seoul, Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

GOLDBERG, A. *Construction: A construction grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press, 1995.

MAISONNEUVE, J. *Introdução à Psicossociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. p. 114-120.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2015, p. 60-78.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

PIRES, G. da S. *Abordagem semântico-pragmática da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples "PARA X, Y" e Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática "ATÉ QUE PARA X, Y"*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, UFJF. Juiz de Fora/MG, 2016. 277 fl.

SOUZA, A. L. A Gramática de Construções. In: HERMONT, A. B.; ESPÍRITO SANTO, R. S. do; SILVA, S. M. (Orgs.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.